

Eleições Municipais 2024

Bolsonaro tenta minar Caiado em Goiânia

Ex-presidente anuncia ida à cidade no domingo, onde busca eleger o prefeito. Objetivo é enfraquecer o governador, que se coloca como pré-candidato à Presidência em 2026

» EDUARDA ESPOSITO
» JÚLIA PORTELA

Cristiano Borges/Flickr



Bolsonaro tem feito reiteradas críticas a Caiado e disse que o governador "aceitou o apoio do PT" nesta eleição

Inelegível por oito anos, mas confiante de que se livrará da condenação, o ex-presidente Jair Bolsonaro buscar tirar do caminho eventuais interessados em concorrer ao Planalto em 2026. Caso do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil). Para tentar enfraquecer o agora desafeto em seu próprio território, o ex-chefe do Executivo faz campanha para eleger Fred Rodrigues (PL) como prefeito de Goiânia. Ele concorre com o empresário Sandro Mabel (União Brasil), apoiado pelo governador. Em vídeo postado nesta semana, Bolsonaro disse que estará em Goiânia no domingo, data do segundo turno das eleições municipais, e pediu votos para Rodrigues. "Estamos juntos até depois do fim. Apelo a você de Goiânia, que não decidiu ainda, ou acha que o outro lado pode estar certo, mas não tem certeza ainda: faça uma reflexão", afirmou.

Pesquisa da Atlas/Intel, divulgada na quarta-feira, mostra Mabel com 50,7% das intenções de voto, enquanto Rodrigues tem 46,6%.

Bolsonaro tem feito reiteradas críticas a Caiado. Nesta semana, disse que ele "aceitou o apoio do PT" para tentar eleger Mabel — o governador nega, diz que é notícia falsa disseminada por adversários. No mês passado, o ex-presidente chamou Caiado de "governador covarde", em referência à postura de Caiado, de ter defendido a vacinação e o isolamento social durante a pandemia.

Domínio

O primeiro turno mostrou um grande domínio de Caiado em seu estado. Com candidatos do União Brasil e do MDB, partido do vice-governador, Daniel Vilela, ele garantiu 141 prefeituras, contra 27 do PL de Bolsonaro. Sem contar as legendas que têm

coligações com o União e o MDB e que também conquistaram cidades por Goiás.

Além da capital, outras duas grandes cidades do estado terão o confronto de candidatos apoiados por Caiado e

Projeto de anistia

Em 2023, Bolsonaro foi condenado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por abuso de poder político na corrida eleitoral de 2022. O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, acredita que o projeto de anistia aos golpistas do 8 de janeiro, em tramitação no Congresso, pode ser o caminho para livrar o ex-chefe do Executivo.

Bolsonaro: Aparecida de Goiânia e Anápolis.

Em Aparecida, a pesquisa apontou Leandro Vilela (MDB) com 60,1% das intenções, contra 38,3% do Professor Alcides (PL). Já o Instituto Veritá analisou que, em Anápolis, Márcio Corrêa (PL) tem 58,4%, e Antônio Gomide, 39,3%.

O analista político e econômico Caio Mastrodomênico ressaltou que o segundo turno do pleito tem impacto para 2026. "Essa eleição, portanto, não é apenas uma disputa local, mas também um microcosmo do embate entre duas figuras importantes da direita brasileira", frisou. "Goiás, historicamente, tem sido um reduto conservador, mas agora vive um processo de realinhamento político e de disputa por hegemonia dentro do próprio campo político conservador."

» Em SP, Nunes tem 49%, e Boulos, 35%

A três dias do segundo turno das eleições em São Paulo, o Datafolha, divulgado ontem, segue apontando o prefeito e candidato à reeleição Ricardo Nunes (MDB) à frente da disputa, com 49% das intenções de voto. O deputado federal Guilherme Boulos (PSol) aparece com 35% das menções. Os últimos resultados do instituto, divulgados há uma semana, apontavam Nunes com 51%, e Boulos, com 33%. Foram ouvidos 1.204 eleitores de São Paulo entre 22 e 24 de outubro. A margem de erro é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

Crime organizado elege candidatos

Órgãos de inteligência informaram ao Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP) que 12 pessoas ligadas ao crime organizado foram eleitas no estado, sendo 10 vereadores e dois prefeitos.

Segundo a Corte Eleitoral paulista, 70 pessoas com envolvimento com o crime concorreram nas eleições municipais deste ano.

Os nomes dessas pessoas não foram revelados até o momento, e o TRE-SP não informou em quais cidades os envolvidos foram eleitos, alegando se tratar

de "informação sigilosa".

Segundo a Justiça Eleitoral, os dados serão encaminhados ao Ministério Público para as providências cabíveis — por exemplo, averiguar se cabe Ação de Investigação Judicial Eleitoral (Aije) para apuração de gastos ilícitos ou abuso de poder econômico.

Em agosto, o chefe do centro de inteligência da Polícia Militar paulista, coronel Pedro Luís de Souza Lopes, afirmou, durante o 18º encontro anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que a atuação do Primeiro

Comando da Capital (PCC) nas eleições era "muito maior do que (se) imaginava".

"Não dá para falar que são 100, 200 municípios, mas tem vários com indícios palpáveis de alguma movimentação importante do tráfico participar como financiador de campanha eleitoral", afirmou o militar.

Segundo o Ministério Público do Estado de São Paulo, a facção movimentou cerca de R\$ 1 bilhão ao ano. O carro-chefe da organização criminosa, já há alguns anos, é o tráfico internacional de cocaína, comprada de

países vizinhos e enviada principalmente à Europa.

Investigações da Polícia Civil identificaram que os criminosos atuaram para tentar se infiltrar nas eleições, lançando candidatos aos cargos em disputa. O chamado "núcleo político" seria liderado por João Gabriel de Mello Yamawaki, acusado de ser um dos responsáveis por um dos maiores esquemas de lavagem de dinheiro da facção. A defesa de Yamawaki, que teve prisão decretada, alega que as acusações são infundadas e carecem de provas concretas.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Não chamem Lula, Maduro e Ortega para jantar

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva aproveitou a reunião do Brics — Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul —, em Kazan, na Rússia, que terminou ontem, para estabelecer distância segura dos presidentes da Venezuela, Nicolás Maduro, e da Nicarágua, Daniel Ortega, cuja entrada no grupo foi vetada pelo Brasil nos bastidores do encontro. Ampliado com mais quatro países (Egito, Irã, Etiópia, Emirados Árabes; a Arábia Saudita ainda não oficializou seu ingresso), o bloco decidiu criar também uma categoria de países parceiros, condição que era pleiteada pelos dois países latino-americanos.

Maduro também foi a Kazan e se reuniu com o presidente russo, Vladimir Putin, mas nem por isso o anfitrião do encontro propôs a inclusão da Venezuela, com quem a Rússia tem cooperação comercial e colaboração militar. O presidente venezuelano, ao justificar sua pretensão, invocou a condição de grande produtor de petróleo, com as maiores reservas do mundo. Nos bastidores do governo, havia dissintonia entre o assessor especial da Presidência Celso Amorim e o Itamaraty, em relação ao tratamento diplomático a ser dado à Venezuela, depois da reeleição fraudulenta de Maduro — até o líder venezuelano queimar de vez seus navios com Lula, que chamou de agente da CIA, a central de inteligência dos Estados Unidos.

Outro ex-aliado que virou desafeto de Lula, Ortega não chegou sequer a viajar para o encontro, mas reivindica a posição de parceiro do Brics e tem a oferecer ao grupo a possibilidade de utilização do Lago da Nicarágua para construção de um novo canal interoceânico, ligando o Atlântico ao Pacífico, cujo custo é estimado em US\$ 40 bilhões. Ortega casou a concessão da HK Nicaragua Canal Development Investment Co. Limited (HKND Group), com sede em Hong Kong, do magnata chinês Wang Jing, e renegocia os direitos de exploração do novo canal, de olho nos interesses da China em expandir a Nova Rota da Seda para as Américas. Ortega expulsou o embaixador brasileiro na Nicarágua por interceder, a pedido do papa Francisco, em favor da libertação de padres presos pelo regime ditatorial que o sandinista implantou.

O Brics vive um processo de expansão, por influência da China e da Rússia, mas países como a Índia, a África do Sul e o Brasil fazem restrições à ampliação do número de integrantes plenos. O grupo foi criado em 2009, a partir do acrônimo Brics, referência a quatro nações em desenvolvimento que o economista britânico Jim O'Neill identificou com características socioeconômicas semelhantes, na virada do século. A África do Sul ingressou no grupo em 2011, ou seja, 10 anos após a criação do Brics. Em 2023, por meio de uma decisão histórica, Argentina, Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos, Irã e Arábia Saudita foram convidados para ingressar no bloco. O presidente argentino, Javier Milei, esnobou o convite, enquanto a Arábia Saudita administra a própria entrada em banho-maria.

Nova ampliação

Na cúpula de Kazan, decidiu-se convidar mais 13 países a ingressar no grupo, como "parceiros": Turquia, Indonésia, Argélia, Belarus, Cuba, Bolívia, Malásia, Uzbequistão, Cazaquistão, Tailândia, Vietnã, Nigéria e Uganda. Turquia e Indonésia, pelo tamanho e peso econômico, dificilmente aceitarão a condição de membros não plenos. Brasil, Índia e África do Sul rejeitam a caracterização do grupo como anticidental, mas esse vídeo é cada vez mais acentuado pela hegemonia da China e da Rússia e pelo fato de os Estados Unidos trabalharem intensamente para afastar seus aliados do grupo.

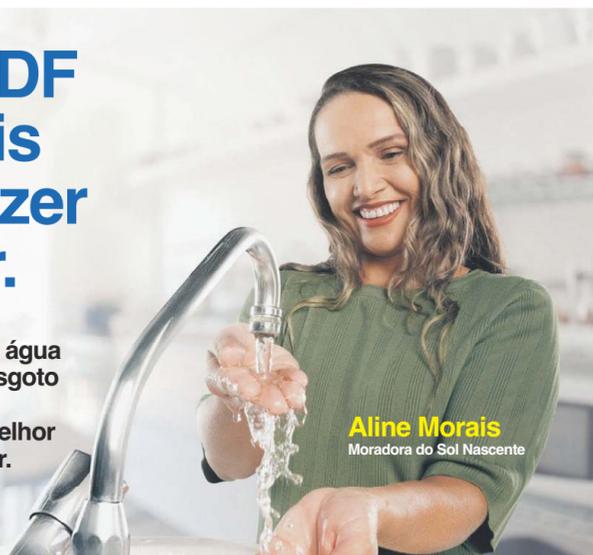
A reunião de Kazan reforçou essa imagem, por causa do protagonismo de Putin, que ocupava a presidência rotativa do grupo e transformou o encontro numa demonstração de que os Estados Unidos e a Europa não conseguiram isolar a Rússia, em retaliação à invasão da Ucrânia. Desde Catarina, a Grande, no século XVIII, a Rússia é uma potência vista com desconfiança pelo Ocidente, mas capaz de fazer o "grande jogo" na Eurásia.

Lula não foi a Kazan, devido ao acidente doméstico, mas participou do encontro por videoconferência, criticou as guerras da Ucrânia e de Gaza, sem citá-las explicitamente, e defendeu a reestruturação do Conselho de Segurança da ONU. Equilibra-se entre dois polos, os Estados Unidos e a China, o que tensiona a política externa brasileira toda vez que se aproxima demais dos parceiros do Brics. Rubens Barbosa, presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice) e ex-embaixador do Brasil em Londres (1994-1999) e em Washington (1999-2004), avalia que a entrada dos novos parceiros tende a reforçar ainda mais essa visão.

Para Sarang Shidore, diretor do Programa para o Sul Global do Instituto Quincy, com sede em Washington DC, "os objetivos de curto prazo do bloco podem ganhar um impulso com os novos membros". Na sua avaliação, o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), o banco do Brics, está se consolidando e pode se beneficiar de mais investimentos e de uma estrutura expandida. A ex-presidente Dilma Rousseff, que preside o banco, com apoio do presidente chinês, Xi Jinping, e de Putin, teve, ontem, seu mandato renovado.

Este GDF faz mais para fazer melhor.

Investimentos em abastecimento de água e tratamento de esgoto também fazem da nossa cidade o melhor lugar para se viver.



Aline Morais
Moradora do Sol Nascente

Investimentos

Saneamento

Qualidade de vida



Saiba mais

